



A Consciência e a mediação dos conhecimentos geográficos pelos professores em sala de aula

La conciencia y la mediación de los conocimientos geográficos por los profesores en sala de clases.

ANA CLAUDIA RAMOS SACRAMENTO¹

¹ Pesquisadora do Grupo Educação e Didática da Geografia: práticas interdisciplinares. Universidad de Sao Paulo, Brasil. e-mail: anaclaudia.sacramento@usp.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar se os professores em seus processos de trabalho têm consciência do seu papel de mediador no ato de ensinar e de aprender em Geografia, tendo como sujeitos sete professores de rede pública de ensino das prefeituras e estado do Rio de Janeiro e São Paulo. A questão central está fundamentada a partir do como os professores refletiam a respeito de suas aulas (dentro das suas condições reais de trabalho) e as características mais importantes. Sendo assim, queremos entender como os professores no processo de seu trabalho, buscam compreender o processo de mediação que orienta suas ações didáticas durante a aula e, como, o seu ato de ensinar se traduz nas concepções de aprendizagem sobre os fenômenos geográficos percebidos pelos alunos. A partir dessa perspectiva, a fundamentação metodológica foi organizada por meio da pesquisa etnográfica escolar que permitiu o desenvolvimento dos aspectos significativos tendo como instrumentos de pesquisa: Observação das aulas; Questionários e Entrevistas. Os conceitos principais que serão trabalhados são Consciência, Mediação e Educação Geográfica, pois permitem pensar sobre as suas práticas cotidianas, a partir da conscientização dos professores sobre seus atos didáticos.

Palavras-chave: Didática da Geografia, Consciência, Mediação, Educação Geográfica.

RESUMEN

Este documento tiene por objeto examinar si los profesores en sus procesos de trabajo son conscientes de su papel como mediador en el acto de la enseñanza y el aprendizaje en Geografía, teniendo como sujetos siete docentes de la red pública de enseñanza de las municipalidades y de los estados de Río de Janeiro y San Pablo. La cuestión central se basa en cómo los profesores reflexionan sobre sus clases (dentro de sus condiciones reales de trabajo) y las características más importantes. Por lo tanto, se quiere entender cómo los docentes en el proceso de su trabajo, tratan de entender el proceso de mediación que guía sus acciones didácticas durante la clase, y como su acto de enseñar se refleja en las concepciones de aprendizaje de los fenómenos geográficos percibidos por los estudiantes. Desde esta perspectiva, la base metodológica se organiza a través de la investigación etnográfica en las escuelas que llevó al desarrollo de aspectos importantes que se tienen como instrumentos de investigación: Observación en sala de clases, cuestionarios y entrevistas. Los conceptos principales que serán trabajados son: Conciencia, Mediación y Educación Geográfica, pues permiten reflexionar sobre las prácticas cotidianas a partir de la concientización de los profesores acerca de los actos didácticos.

Palabras clave: Didáctica de la Geografía, Conciencia, Mediación, Educación Geográfica.

INTRODUÇÃO

Os professores constrói o conhecimento, por meio do seu ato consciente, sendo materializado na aula, como um processo de organização do seu trabalho: pensar, estruturar e mediar a melhor maneira de criar ou desenvolver sequencias que possibilite o aprendizado dos alunos.

A mediação é um processo pelo qual os professores buscam transpor os conhecimentos necessários para que os alunos compreendam o cotidiano. Pensando no Ensino de Geografia mediar os conhecimentos geográficos está vinculado ao conhecimento dos professo-

res, permitindo que os alunos articulem situações do cotidiano com os fenômenos e conceitos geográfico.

Dessa maneira, ao pensar sobre a disciplina específica, os professores manterem duas relações: com o saber em si e com o saber pedagógico. A partir disso, as diferentes formas de se ensinar se tornam possíveis, pois as condições para sua existência enquanto professores se concretizam ao tomar consciência de seu papel como mediador do conhecimento.

Apresentaremos a noção de consciência, mediação ao articular como pensar as ações didáticas dos professores de Geografia a partir da pergunta

sobre refletiam a respeito de suas aulas (dentro das suas condições reais de trabalho) e as características mais importantes sobre elas.

A ETNOGRAFIA ESCOLAR COMO PROCESSO METODOLÓGICO DE TRABALHO

Alguns teóricos como Menga & André (1986), André (2000), Franco & Ghedin (2008), destacam que a pesquisa educacional tem produzido nos últimos trinta anos metodologias, que possibilitam pensar as concepções de abordagens qualitativas. A compreensão sobre pesquisa não é mais aquela calcada somente na descrição ou na tentativa de quantificar os dados, mas voltada também, e principalmente, para análise do grupo, da dialética do trabalho docente e da aprendizagem do aluno, mostrando o professor como um sujeito ativo no processo de construção do saber.

Baseando-se em Franco & Ghedin (2008), a pesquisa qualitativa permite a compreensão do cotidiano como possibilidade de vivências únicas, impregnadas de sentido. O cotidiano passa a ser percebido dentro da escola de forma significativa, em que os seres humanos constroem sua existência, possibilitando o pensar e repensar de suas práticas vivenciadas ao longo de uma história.

Assim, a observação e a análise das transformações e as ações dos professores, como dos alunos são necessárias para que compreendamos suas funções na escola e o papel do ensino e de aprendizagem atual; a dinâmica natural na sala de aula, como uma interação dialética, fundamental na concepção do processo educativo, difícil de ser mensurado.

Dentro da pesquisa qualitativa o foco será a abordagem etnográfica escolar, analítica de observação, cuja análise do trabalho será construída a partir da didática dos professores em sua prática cotidiana. Esta pesquisa busca descrever, compreender e interpretar os fenômenos educativos presentes no contexto escolar. De acordo com Franco & Ghedin (2008, p. 203): “[...] o enfoque da pesquisa centra-se no contexto de cada escola, vista como uma comunidade cultural que elabora sentido e significado para suas ações ao mesmo tempo em que condiciona e estabelece um conjunto de relações e práticas mediante os sujeitos que vivenciam sua realidade. A pesquisa etnográfica procura compreender como se dão essas relações em seu contexto e em que sentido revelam uma cultura construída com base na escola”.

A etnografia tem como cunho permitir um processo de interpretação do outro, daquilo que os sujeitos de verdade são ligados a um modo de perceber o mundo do outro ou de treinar o olhar para aprender como as pessoas agem sobre algo.

Usamos como instrumentos de pesquisa:

a) A observação – analisar e avaliar todos os objetivos caracterizados, as práticas didáticas construídas na sala de aula dos professores;

b) Os questionários – conhecer mais sobre os alunos e os professores, em um primeiro momento. Eles foram organizados a partir das leituras realizadas para mostrar as características de formação, de didática e de aspectos culturais, que dentro das literaturas sobre didática;

c) As entrevistas – analisar por meio das respostas, em que medida os professores tem consciência da sua atuação em sala de aula e como ocorre a mediação didática. Elas foram organizadas a partir dos questionários para ajudar a entender as ações didáticas dos professores.

O PAPEL DA CONSCIÊNCIA PARA A DIDÁTICA DOS PROFESSORES

Pensar a consciência no processo didático dos professores de Geografia é buscar refletir sobre o ato de ensinar como um ato produtivo do trabalho docente, pois a aula é a materialização desse trabalho que é planejado, organizado e mediado para os alunos durante o processo de ensino e de aprendizagem escolar.

Quando pensamos nesse ato consciente, temos como referência Marx & Engels (1987) que destacam como a consciência humana age quando há uma necessidade sobre algo que é material, algo que está na sua existência histórica, colocada pelas condições básicas da vida, pois sem ela o homem não vive. Condições essas estabelecidas quando o homem ao se relacionar com o outro, tem a necessidade de criar, construir e produzir coisas que não são aleatórias, mas propícias a um determinado fim. Dessa maneira, ele se permite estabelecer algumas relações que são pertinentes para construção histórica da sua vida e consequentemente da sua consciência humana.

Essa produção, não é um fato qualquer, mas uma ação movida pela consciência, não uma imposta ou ideológica, mas como Marx & Engels (1987) destacam como uma consciência real sobre uma forma de agir com outro ser, uma relação social que interfere no seu ato de produção (aqui não estamos relacionando a produção de objetos em si), mas de sua própria vida perante o outro.

“[...] a consciência é pois um produto social e continuará a sê-lo enquanto houver homens. A consciência é antes de tudo, a consciência do meio sensível e de uma relação limitada com outras pessoas e outras coisas situadas fora do indivíduo que toma consciência; é simultaneamente a consciência da natureza que inicialmente se depara ao homem como força franca-

mente estranha, toda-poderosa e inatacável, perante a qual os homens se comportam de uma forma puramente animal e que os atemoriza tanto como aos animais, por conseguinte, uma consciência de natureza puramente animal (religião natural). Por outro lado, a consciência da necessidade de entabular relações com os indivíduos que o cercam marca para o homem a tomada de consciência de que vive efetivamente em sociedade” (Marx & Engels 1987, p.16).

Ou seja, a consciência faz parte de um processo humano de relacionar-se a medida em que ele toma consciência de um fato ou de uma coisa, ou de uma consequência, partindo de uma situação que é percebida ou não por ele. Desta maneira, a consciência é tomada por reflexões sobre as ações que os homens tem sobre si e sobre um determinado objeto ou lugar, no qual tende a racionalizar seu pensamento, sua memória, sua criação, de ir além daqui que foi imposto ou reproduzido para ele, pois suas ações são projetadas social e historicamente pela necessidade de sua produção.

Então, pensar a Educação Geográfica é importante para que o professor pense o seu papel na sala de aula e como trabalhar os conceitos, os conteúdos e os fenômenos geográficos com os alunos. Desta maneira, o ato consciente é estabelecido a partir do momento em que o professor percebe ou reflete a sua ação, a sua condição de trabalho, sobre o trabalho dos outros, o universo

escolar, as diferentes formas de ensino e aprendizagem, como tanto outros elementos que estruturam a organização do seu trabalho.

Devido à necessidade de se construir como um profissional docente, o ato de ensinar se torna a sua consciência, pois é a partir da sua formação inicial que o professor começa a se transformar e estabelecer uma conexão com a necessidade de saber lecionar.

O PAPEL DA MEDIAÇÃO NA PRÁTICA DIDÁTICA DOS PROFESSORES

A mediação é um processo importante para a organização do conhecimento pelos alunos. Mediar o conhecimento significa transmitir para o outro alguma coisa, mas na Educação, não é qualquer coisa e, sim, construir meios que possibilitem os professores a desenvolver estratégia e metodologias que promovam certa aprendizagem.

Podemos dizer, que os mediadores são aqueles que criam maneiras de estimular a apropriação do conhecimento, elaborando ações que organizem as suas formas didáticas ao eleger o que devem ser mais importante para permitir que os mediados, os alunos, estruturem e organizem seu entendimento sobre um determinado assunto. A partir do momento, em que os professores mediadores tenham clareza de como estimular ou como usar determinados instrumentos para aprimorar

novas formas de ensinar, ajudará no processo de ensino e de aprendizagem favorecendo o saber dos alunos.

A ação docente está, portanto, relacionada aos objetivos pedagógicos e educacionais para desenvolvermos os conteúdos em sala de aula. Se tivermos uma prática que contribua para a evolução conceitual do aluno, refletindo sobre a realidade vivida pelo aluno, respeitando a sua história de vidas e contribuindo para que ele entenda o seu papel na sociedade: o de cidadão. Segundo ainda Rivera (2007, p. 39) “*os pensamentos do professor deve estar atrelada às alternativas pedagógicas a por em prática para transformar a educação geográfica, devem ser também pertinentes com as transformações e dos protagonistas dos fatos*”.

Neste processo, é destacado como os professores se apropriam da forma do como mediar os conhecimentos, porque esta faz parte da compreensão em desenvolver meios de intervir sobre o pensamento do outro para articular o processo de ensino e de aprendizagem.

Ao mediar o conhecimento, ele constrói meios que possibilitem sua relação com o aluno, perpassando pelo conhecimento didático-pedagógico que este possui e sobre o próprio conhecimento sobre a ciência em questão – no caso com a geografia escolar, como destaca Libâneo (2011, p. 91): “*O papel do professor, portanto, é o de planejar, selecionar e organizar os*

conteúdos, programar tarefas, criar condições de estudo dentro da classe, incentivar os alunos para o estudo, ou seja, o professor dirige as atividades de aprendizagem para os alunos a fim de que estes se tornem sujeitos ativos da própria aprendizagem”.

Sendo assim, pensar a Didática como uma ciência que promove investigar e orientar a aprendizagem, requer principalmente dos professores, uma formação constante, uma reflexão das concepções teórico-práticas que envolvam o conhecimento das ações sociais e culturais na prática do cotidiano escolar.

A CONSCIÊNCIA E A MEDIAÇÃO SOBRE AS AÇÕES DIDÁTICAS DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA

O processo de ensinar e de aprender requer dos professores uma consciência sobre pensar em que atividades auxiliem na compreensão os conceitos ou os fenômenos que trabalhamos em sala de aula porque essas atividades precisam estar voltadas para o desenvolvimento mental do aluno que são orientados por meio dos símbolos e dos instrumentos que se materializam em forma de conteúdos, ou como diz Libâneo (2009) se encontram forma de objetos de aprendizagem (conteúdos). Segundo o autor: “*O objetivo primordial do professor na atividade de ensino é promover e ampliar o desenvolvimento mental de seus alunos, provendo-lhes*

os modos e as condições que assegurem esse desenvolvimento. Em termos práticos, significa o professor fornecer ao aluno as condições para o domínio dos processos mentais para a interiorização dos conteúdos, formando em sua mente o pensamento teórico-científico” (Libâneo 2009, p. 3-4).

Os professores, em seu ato de trabalho, precisam organizar meios que estimulem os desenvolvimentos cognitivos dos alunos. Para tanto, a construção se dá a partir do momento em que, os professores tomam consciência de como criar estratégias de aprendizagem para os alunos. O ato de ensinar está ligado a uma produção do conhecimento e não uma mera reprodução; a um agir prático e ideológico sobre a organização da aula, em articular a vida ligada à questão material, histórica e dialética que transforma as ações e as dinâmicas existentes de estruturar a sua práxis que é desenvolvida de acordo com seu envolvimento com a sala de aula, bem como sua formação docente.

Durante as entrevistas foram realizadas algumas perguntas sobre como os professores refletiam a respeito de suas aulas (dentro das suas condições reais de trabalho) e as características mais importantes sobre elas.

Nessa perspectiva, podemos agrupar alguns elementos importantes destacados por eles (Para Libâneo (2007) a aula pode ser estrutura da seguinte forma: preparação e introdução da matéria, tratamento didático da nova

matéria, consolidação e aprimoramento dos conhecimentos e habilidades, aplicação e controle e avaliação dos resultados):

- a) Buscar a motivação por meio de interligar os conceitos e os conteúdos ao cotidiano;
- b) Participação dos alunos;
- c) Fazer representações dos elementos trabalhados nas aulas, principalmente os da parte física;
- d) A possibilidade (dependendo se a escola tem infra-estrutura) de usar diferentes tipos de recursos didáticos como elemento da mediação do conhecimento geográfico, principalmente uso de mapas, cópias de texto, vídeos, livros didáticos.

Ao destacarem como pensam as suas aulas e as suas características, esses elementos que aparecem em quase todas as respostas e os que mais nos chamaram atenção, apesar de algumas atividades individuais dos professores e das diferentes formas de mediação dos conteúdos. Podemos dizer que ao refletir sobre isso, foi difícil para os professores assumirem, pois eles fugiam das respostas.

Os professores comentam sobre a motivação como um dos elementos importantes da sua aula. O que eles dizem sobre isso? Qual é o significado de motivar os alunos? Tem haver com a necessidade de fazer com que os alunos prestem atenção nas suas aulas, tenham

vontade de estar ali. A professora 5 comenta que primeiro você tem que despertar a motivação, e eu acho a parte mais difícil. Por que é difícil? Porque você precisa utilizar metodologias que os professores durante as entrevistas não deixaram claros se conheciam ou não, mas percebemos as dificuldades de destacar os elementos pedagógicos.

É importante analisar como os professores pensam as concepções didáticas de uma aula. Uma das características é a motivação do aluno para a construção do conhecimento escolar, pois é uma primeira leitura da realidade com os conteúdos e os conceitos a serem ensinados. Percebemos então que os professores buscam instigar os alunos por meio do seu cotidiano ou dando significado imediato ao tema tratado. A professora 4 destaca isso ao dizer que

“As características da minha aula são interligadas com o dia-a-dia, com coisas que fazem significado para eles, pelo menos eu busco sempre isso. Estou trabalhando sobre clima, estou trabalhando com fenômenos climáticos, os desastres que estão ocorrendo – fenômenos atípicos do clima. E usar coisas do dia-a-dia como o desastre que aconteceu em Friburgo”.

Uma das formas de motivar os alunos é buscar fazer perguntas ou instigar com elementos do cotidiano. Os professores argumentam que ao trabalhar elementos do dia a dia se torna mais fácil que os alunos se interessem em prestar atenção na aula. O cotidiano passa a ser a forma mais direta no

contato dos alunos com os conteúdos e com os conceitos, uma vez que estão relacionados aos conhecimentos prévios - ao que eles vivenciam ou os que eles tem referenciais. Os professores relatam temas dos conteúdos geográficos nos quais os alunos gostam de participar da aula, como destaca a professora 1: Por exemplo, quando você fala de terremoto, de vulcões é um tema que eles gostam muito, a primeira coisa que eles perguntam é se desenharão o vulcão, construir uma maquete, eles querem ter o contato com o concreto. Ou como comentou a professora 4, estou trabalhando sobre clima, sobre os fenômenos climáticos, os desastres que estão ocorrendo – fenômenos atípicos do clima. Usar coisas do dia-a-dia como o desastre que aconteceu em Friburgo.

Os fenômenos geográficos estão caracterizados nas aulas e a preocupação em relacionar os conteúdos e os conceitos que permitam uma discussão com o cotidiano se torna um dos elementos didático-pedagógicos dentro do Ensino de Geografia, já que as representações do cotidiano relacionam-se com elementos espaciais. É importante analisar é até que momento não se torna um simples comentário sobre um determinado tema ou se há de fato uma reflexão sobre os elementos do cotidiano. A partir das aulas assistidas, podemos dizer que acontecem os dois: momentos em que o cotidiano era um simples exemplo para facilitar o entendimento dos alunos sobre o tema proposto e em outros momentos, uma reflexão sobre como esses elementos

humanos e físicos se interagem no espaço.

Outra característica levantada pelos professores é em relação à participação do aluno, que está relacionada à construção das aulas pelos professores. Se a aula é centrada no professor ou se foco é os alunos. As ações didáticas precisam estar relacionadas a alguns fatores importantes: como os professores introduzem as aulas, como eles pensam as perguntas: é simples – de respostas curtas ou problematizadoras – que estabelecem uma reflexão dos alunos, ou em recursos didáticos que estimulem o conhecimento dos alunos e assim suas participações. Alguns desses elementos aparecem nas respostas dos professores como podemos relacionar o professor 6: Eu faço algumas perguntas referentes ao assunto, para dar uma sondada e saber de que maneira posso trabalhar. Posso trabalhar forçando mais a turma, ou de maneira mais light para não embaralhar a cabeça deles. Ou como relata a professora 7.

“Outra coisa a Participação. Eu faço tudo para que tenha participação do aluno, eu não gosto da aula palestra, aliás eu detesto aula palestra. Durante a aula, eu dei o enigma, eu fiz a pergunta do enigma e até o final da aula e eles tinham que responder. Então, teve aluno que ficou entre dois países, eu fiz eles prestarem atenção na aula para que pudessem respondê-lo. Eu já organizei minha aula com essa finalidade e também despertar a curiosidade para perceber que eles precisavam ir ao livro para

responder. E no caso, instigar essa participação. Faço perguntas, eu organizo tudo nesse sentido. Para eles participarem, mas nem sempre funciona assim”.

As diferentes formas de abordagens são estratégias para se pensar como elaborar as ações para que os alunos sejam instigados a participarem das aulas. Para isso, os professores precisam estabelecer quais são suas metodologias, a fim de que possam manter uma aula dialógica. Durante as aulas, observamos que os professores de 1 ao 6 buscavam ir direto aos conteúdos e fazendo perguntas objetivas, perguntas instigadoras para que os alunos ficassem curiosos ou como o caso da professora 7, que sempre elaborava diferentes formas de promover a participação, por vezes fazendo perguntas, por outras, elaborando atividades como o enigma. Ou até fazer uma atividade com jogos ou começando com uma análise de uma imagem.

Outra característica marcante é em relação à representação dos fenômenos, principalmente em forma de desenhos ou de esquemas.

Esta representação seria a forma como os professores organizam a explicação sobre um determinado fenômeno, como fazer com que os alunos compreendam sobre aquilo que querem ensinar. Dentro do Ensino de Geografia é uma das formas mais tradicionais de representação espacial, pois é um elemento que não precisa de muitos recursos, já que você pode desenhar em

qualquer lugar e em/com qualquer material.

Além disso, o desenho ou esquema representa uma forma de realização de um registro de maneira a observar, descrever, analisar e sintetizar os fenômenos que podem ser trabalhados em sala de aula. Por exemplo, quando os professores desenham um rio, uma montanha, uma serra, os fenômenos climáticos ou mesmo, elementos sociais, os desenhos ou esquemas passam a ser para os professores uma maneira lúdica de aprendizagem para os alunos. A professora 4 analisa porque para ela o desenho faz parte da sua aula:

“Procuro desenhar sempre, é uma coisa que dá certo: desenhar, tentar representar o que estou falando através do desenho. É o que eu mais uso e que dá certo. Eles gostam, por exemplo, eu trabalhei clima – os fenômenos das chuvas – chuvas fortes que causam alagamentos. Usei o exemplo de Friburgo, eu desenhei os acontecimentos, pois isso fixa muito. Isso até estimula porque eles querem também desenhar. O desenho ajuda muito e eu tento representar ao máximo isso... A coisa mais importante da minha aula é o que eu posso representar e o que os conceitos podem orientar a partir daí, por exemplo, voltando ao clima, falar sobre os problemas do comércio local, a influencia do clima nas questões econômicas, a questão do próprio hábito, o que você come, os cuidados que você tem que ter, as questões sociais, a própria política mesmo, o que o governo faz para minimizar essa

questão que sempre tem e porque não se resolve”.

O desenho passa a ser uma estratégia didática importante porque é uma forma de expressão sobre os temas e que possibilita aos alunos cognitivamente, desenvolverem as habilidades já descritas, buscando assim, a construção do conhecimento geográfico. Ao relatar sobre o clima, podemos representar as massas de ar, os tipos de chuvas, os tipos de nuvens, o que acontece num espaço urbano, como no caso relatado em Friburgo, e outros elementos que envolvem os fenômenos climáticos na natureza.

A professora 5 tem as mesmas concepções da professora 4 ao destacar que:

“Busco para motivar os alunos, atividades que tem a ver com eles. Algumas atividades que eles tenham que visualizar, identificar, desenhar, pintar, destacar alguma coisa que chame a atenção dele. Não só ficar fazendo perguntas maçantes, mas ter gráficos, desenhos. Eu gosto muito de desenhos e mapas para eles terem uma visão do que estão estudando”.

Ela desenvolve atividades lúdicas para fazer com que os alunos compreendam os conteúdos da disciplina. Ao mesmo tempo, atividades desenvolvidas pelos alunos, a fim de analisar o processo de aprendizagem, quando eles representam o que entenderam das aulas. Percebemos durante as aulas assistidas que as atividades mais utiliza-

das foram sobre fazer mapas, de pintar mais e de fazer alguns desenhos ou esquemas. Destacamos assim, as atividades desenvolvidas pela professora 1, por exemplo, sobre mapas e na prova da professora 7, que tinha que analisar e pintar os mapas.

Contudo, não adianta fazer essas atividades se não tiverem a intenção de desempenhar um papel desafiador que promova o desenvolvimento cognitivo do aluno. Como analisamos durante as aulas, algumas atividades com desenho que tinham como objetivo a fixação dos conteúdos, sem, no entanto, apresentar um caráter problematizador. Em outros momentos, percebemos atividades com desenhos ou mapas que buscavam contextualizar o cotidiano e desafiar cognitivamente os alunos. Segundo Paganeli et al. (2007, p. 302), os desenhos são esquemas gráficos de organização da relação humana com o mundo. Assim, a realização destes tipos de atividades permitem os alunos expressarem aquilo que eles têm dificuldades de dizer.

Outro elemento importante nas aulas dos professores, são os recursos ou materiais didáticos. Podemos dizer que o uso de materiais diversificados nas salas de aula, sempre foi uma referência na discussão de diferentes propostas de ensino, sendo propiciada pelas novas políticas educacionais no âmbito curricular, tem se alicerçado em um discurso de reforma educacional, o qual passou a ser sinônimo de renovação pedagógica, progresso e mudança (Fiscalrelli 2008).

Seus usos estão diretamente ligados à prática didática do professor, ao saber usá-los como um meio para chegar ao conhecimento geográfico. Ao utilizar os materiais didáticos, o professor deve ter domínio do uso que fará e também ser seletivo na organização da aula. Um dos recursos de que os professores fazem uso, são as diferentes linguagens, na medida em que todos são responsáveis pela capacidade leitora e escritora do aluno e que já tem acesso aos textos, jornais, revistas científicas e internet.

Podemos dizer que o professor, em sua prática pedagógica, tem consciência do papel que esses recursos desempenham em sala de aula. No entanto, para a apropriação do uso dessas linguagens, que possuem seus próprios códigos e suas formas de representação, são relacionadas às determinadas estratégias de aprendizagem que desenvolvam nos alunos a obtenção de um raciocínio lógico e a compreensão dos conceitos e conteúdos necessários para a construção do seu saber. Podemos analisar que os recursos mais utilizados pelos professores da pesquisa são: dos materiais mais tradicionais como quadro, giz, o livro didático, mapas ou Atlas, como aqueles considerados mais modernos, como fotocópias de textos, uso de jornais e revistas e os vídeos para passar os filmes ou documentários. É evidente que cada professor usa os recursos que tem dentro da escola, muitos tem dificuldades de trabalhar, pois na escola há problemas infra-estruturais.

De modo geral, a preocupação dos professores em utilizar os recursos ajuda na aprendizagem do aluno, como destaca a professora 5

“Eu penso, por exemplo, quando eu preciso de uma visualização, eu peço para pegar um livro, um mapa que me ajude a esclarecer o assunto. Porque para qualquer esquema você tem que ter um gráfico, um mapa. Na medida do possível eu peço para tirar uma cópia, dizendo que vai valer ponto. Também gosto de fazer isso na prova, para facilitar e ajudar o aluno a perceber o que estou tentando mostrar. Eu acho que fica mais fácil assim. Eu uso o livro quando tem umas atividades interessantes. Eu pesquiso muito, meu armário fica cheio de livro, buscando trazer o que é mais fácil, o que vai ser legal ensinar para eles. O que vai despertar mais interesse. Eu não pego só um livro, eu pego outros livros. Eu não tenho nem mais espaço para guardar livros”.

Os materiais ou recursos didáticos são importantes no processo de aprendizagem dos alunos. Eles são suportes para que os professores possam desenvolver atividades que envolvam o conhecimento. Sendo assim, utilizar um livro ou um mapa, dependendo como foi planejada a aula, se torna um instrumento importante na construção do conhecimento à medida que os professores desenvolvam suas aulas a fim de estimular a criatividade e os conhecimentos adquiridos pelos alunos e fazê-los transpor essa aprendizagem, ao realizar as atividades que

promovam a curiosidade e o desejo de aprender. Apesar de sua escola ter problemas sérios com infra-estrutura, falta de mapas ou Atlas e só tem autorização para pedir fotocópias para as provas, a professora 5 buscava na medida do possível sempre trazer outros tipos de atividades, principalmente textos ou atividades em fotocópias, nas quais ela pagava para que os alunos pudessem ter outros tipos de trabalhos.

A professora 7 tem várias possibilidades de uso de materiais ou recursos didáticos, devido à organização da escola que possui vários materiais ou salas para uso. Durante as aulas, notamos como ela utilizava os materiais, como ela planejava as aulas para que as atividades fossem elaboradas pelos alunos.

“Estamos numa escola central, a maior escola de São Gonçalo, eu tenho muitas possibilidades. Eu tenho Xerox a disposição, além da infra-estrutura. É o material em si, que eu posso utilizar: filmes, o data-show para usar os slides do Power point. Eu tenho televisão na sala. Eu também tenho um pouco de conhecimento para manusear esses programas de internet. Assim, minha aula está sempre em desenvolvimento com algum instrumento. E eu crio jogos, algumas brincadeiras para incentivar mais a participação na aula. Não gosto de dar aula muito parada. Eu gosto de dar aula que eles participem, que debatam. Eu tenho possibilidades de uma sala ampla, de fazer um círculo, mas tem hora que tem estar enfileirados mesmo. A variedade de

estratégias, de técnicas, de possibilidades as quais possuo, são bem variadas. Na escola, eu costumo até fazer trabalho fora da sala de aula. Você quer dar uma volta no quarteirão, eu já fiz isso, mas hoje em dia, eu estou fazendo menos. Depois, eu planejo se tem a localização através do mapa, de exercício. Normalmente, os exercícios não são só do livro, escolho o que sejam mais pertinentes com relação ao trabalho”.

As múltiplas possibilidades de recursos ou materiais didáticos sabendo ser bem utilizados fazem com que a aprendizagem dos alunos se torne mais significativa, a partir do momento em que ao planejar as aulas os professores consigam mediar os conceitos e os conteúdos por meio de metodologias que contribuam para que sejam trabalhados, a parte cognitiva dos alunos, aproximando-os da percepção e da compreensão, sobre os fenômenos geográficos e para fixar também a aprendizagem.

Nesse processo, o mediador, no caso, o professor, por meio da sua consciência, desenvolve oportunidades de mediar os instrumentos que foram inventados para facilitar o processo de comunicação e de espacialização dos conhecimentos das disciplinares escolares, com o objetivo de orientar uma aprendizagem significativa para o aluno. A partir do momento que o professor faz de sua atividade o ensinar, ele estabelece formas de articular as suas ações didático-pedagógicas à

construção do conhecimento, no nosso caso, da Geografia Escolar.

A utilização de recursos ou materiais didáticos faz com que as aulas se tornem mais dinâmicas, que atraiam e mantenham os alunos atarefados e ao mesmo tempo motivados despertando a vontade de participar e prestar atenção na aula.

Vimos em vários momentos quando os professores levaram cruzadinhas, jogos, atividades diferenciadas com uso de diferentes linguagens, como os alunos se motivavam para realizar as atividades ou para jogarem. Desta maneira, as participações dos alunos se tornavam mais ativas, pois havia materiais ou recursos didáticos.

A Professora 4 apresenta diferente forma de pensar sobre o material ou o recurso didático, pois a escola onde leciona não tem esses recursos destacados pela professora 7. Além disso, ela acredita que os conhecimentos específicos explicados por ela se tornam fundamentais ao elaborar os tópicos correspondentes dos conteúdos a serem ministrados e organizados no quadro, não creditando que o uso de outros materiais podem efetivamente ser um meio para a aprendizagem.

“Geralmente minha aula é quadro e giz mesmo. É estar organizando o conteúdo da forma mais simplificada possível, porque não há muitos recursos. Você pede para os alunos tirarem uma cópia, mas nem todos tiram. É muito chato isso,

quem tira, fica zangado, porque você não consegue trabalhar sem o material. Você até prefere não usar mais. Acho um absurdo tirar do meu salário, pois o Governo ou a escola deveriam estar dando, pelo menos no que diz respeito ao material para ser trabalhado em sala de aula. Tem sala de vídeo, tem. Mas são muitos professores, você agenda, quebrou e dá tudo errado, você vai largando um pouco. Às vezes, eu prefiro não usar, porque dá muito problema”.

A professora comenta a forma como ela concebe sua aula, utilizando quadro e giz, pela falta de possibilidades de materiais ao lecionar no Estado. Ela argumenta um dos problemas ainda infelizmente comuns na Educação Pública Brasileira, a falta de infra-estrutura em várias escolas. Por essa falta, ela tem dificuldade ao pensar em usar vários tipos de materiais didáticos para mediar suas aulas, como ela mesma destaca. Primeiro porque ela não tem condições financeiras para comprar materiais ou de tirar fotocópias para todas as turmas que ela leciona. Segundo, pelas dificuldades pessoais, por não saber lidar com equipamentos mais tecnológicos, como o vídeo ou a internet, que não é só uma dificuldade dela, porém de outros professores.

Ao pensar no procedimento fundamental das suas aulas, os professores comentam basicamente três aspectos: contextualização dos conteúdos; explicação expositiva, organizando as relações do cotidiano e utilização dos materiais ou recursos didáticos. Cada

professor trabalha de acordo com seus objetivos e de certa maneira, como são estabelecidas as aulas pelas Secretarias, como no caso de São Paulo, em que os professores são obrigados a usar a cartilha dos professores e o caderno do aluno.

Podemos constatar que em seu processo de mediação, os professores apresentam dificuldade em pensar como os elementos didático-pedagógicos fazem parte do desenvolvimento de suas ações em sala de aula. Eles comentam sobre como poderia ser suas aulas, as suas interações com os alunos, pensam nos procedimentos em si, mas não tomam consciência ou mostram dificuldades de manifestar, então, esses conhecimentos que são visualizados por nós durante as observações na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que os professores, em sua prática pedagógica, tem consciência do papel que esses recursos têm em sala de aula. Para tanto, a apropriação do uso dessas linguagens, que tem seus próprios códigos e suas formas de representação, faz-se necessários determinadas estratégias de aprendizagem que desenvolvam nos alunos a obterem um raciocínio lógico e a compreensão dos conceitos e conteúdos necessários para a construção do seu saber.

Ao pensar no procedimento fundamental das suas aulas, os professores comentam basicamente três aspectos: contextualização dos conteúdos; explicação expositiva organizando as relações do cotidiano e utilização dos materiais ou recursos didáticos.

Cada professor trabalha de acordo com seus objetivos e de certa maneira, como são estabelecidas as aulas pelas secretarias, como no caso de São Paulo, em que os professores eram obrigados a usar a cartilha dos professores e o caderno do aluno.

O trabalho dos professores é mediar conhecimento ao aluno, desenvolvendo ações pertinentes na construção do ensinar as disciplinas escolares. Para isso, envolve-se no processo da consciência da sua formação e da sua experiência de trabalho que de certa maneira, é organizada a partir do que ele aprendeu nas disciplinas acadêmicas bem como no seu trabalho contínuo do trabalho. Eles pensam, organizam e racionalizam os procedimentos a serem realizados na produção do seu trabalho.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi apresentado no II Simpósio Internacional de Pesquisadores em Didática da Geografia, organizado pela REDLADGEO e Universidad Academia de Humanismo

Cristiano, em Santiago, Chile, entre 16 e 18 de abril de 2012.

REFERÊNCIAS

- André, M. (2000). *Etnografia da prática escolar*. Editorial Papirus. 5ta edição. Campinas, São Paulo.
- Cavalcanti, L.S. (1998). *Geografia, Escola e Construção de conhecimentos*. Editorial Papirus. Campinas, São Paulo.
- Fiscarelli, R.B.O. (2008). *Material didático: discursos e saberes*. Junqueira & Marin Editora. Belo Horizonte, Brasil.
- Franco, M.A.S. & Ghedin, E. (2008). *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. Coleção Docência em formação. Séries saberes pedagógicos. Editorial Cortez. São Paulo, Brasil.
- Gasparin, J.L. (2002). *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. Editora Autores Associados. São Paulo, Brasil.
- Libâneo, J.C. (2007). *Didática*. Editorial Cortez. São Paulo. Brasil.
- Libâneo, J.C. (2009). *Teoria Histórico-Cultural e metodologia de ensino: para aprender a pensar geograficamente*. Anais de 12º EGAL. Montevideo, Uruguay.
- Libâneo, J.C. (2011). *Didática e trabalho docente: a mediação didática do professor nas aulas*. In: *Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança: diferentes olhares para a didática* (org: Libâneo, J.C., Suanno, M.V.R. & Limonta, S.V.). CEPED/Editora da PUC GOIAS, Goiânia, Brasil. 1: 85-100.

Marx, K. & Engels, F. (1987). La ideología alemana. Editorial Grijalbo. Ciudad de México, México.

Menga, H.A.L. & André, M. (1986). Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. Editora Pedagógica e Universitária. São Paulo, Brasil. 99 p.

Paganelli, T.I., Pontuschka, N.N. & Caccete, N.H. (2007). Para ensinar e aprender Geografia. Editorial Cortez. 1ra edición. São Paulo, Brasil.

Rivera, J.A.S. (2007). El pensamiento del profesor de Geografía y el cambio pedagógico en la enseñanza geográfica. Boletim Paulista Geográfico 87: 23-44.